

Crises nos Anos 80: O Ceticismo Juvenil Traduzido nas Canções do Rock Brasileiro.

Crisis in 80 Years: The Juvenile Skepticism Translated Songs in Rock Brasileiro

Eliana Batista Ramos¹

Resumo: A década de 80, apelidada de “década perdida” no sentido econômico, foi vista por alguns do mesmo modo com relação à participação juvenil (política e socialmente). A principal justificativa para isso pode ser a crise mundial do período. No rastro do processo de redemocratização de muitos países da América Latina, sobravam crises econômicas, sociais e dívidas externas fabulosas. O Brasil, inserido neste processo, se viu envolvido numa crise sem precedentes. As juventudes² urbanas do período passaram a representar a alienação, a despolitização e a falta de identificação com movimentos sociais, como já fora observado antes. Somando-se a isso, o mundo ainda enfrentava o “fantasma” da Guerra Fria e a clara percepção dos efeitos da globalização, culminando numa eminente crise de identidade que acrescentada à crise econômica, faziam do mundo um grande campo de incertezas.

Palavras-chave: Juventude; Crise, Anos 80.

Abstract: In the 80s, dubbed the "lost decade" in economic sense, was seen by some in the same way with respect to youth participation and social policy. The main reason for this may be the world crisis of the period. In the wake of the redemocratization of many Latin American countries, on economic crises, social and external debts fabulous. Brazil, entered into this process, was involved in an unprecedented crisis. The urban youth of the period came to represent the sale, the depoliticisation and lack of identification with social movements, as already observed before. Adding to this, the world still facing the "ghost" of the Cold War and the clear perception of the effects of globalization, culminating in an imminent crisis of identity, which added to the economic crisis, made the world a large field of uncertainty.

¹ Mestranda em História Social pela PUC/SP, professora de História das redes pública municipal e estadual de São Paulo.

² Na atualidade é necessário compreender a juventude como uma categoria social que não deve ser tratada de maneira homogênea e nem ser vista apenas como uma evolução discutida etariamente, com início e fim pré-determinados em um período da vida. Pode-se observar inúmeras maneiras diferentes de se viver a condição juvenil em uma mesma sociedade, daí a necessidade de se falar em juventudes no plural. Cf. ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis** São Paulo: Página Aberta Editora, 1994.

Key-words: Youth; Crisis; 80.

Com o lento ritmo de crescimento econômico e na evidente manifestação da crise herdada dos governos militares, os sujeitos sociais que viveram e sentiram os problemas do Brasil na década de 80 precisaram engendrar alternativas a tudo o que fosse necessário para se dar às relações vividas novos significados em meio às tantas crises enfrentadas no período.

No início dos anos 80, se comparada aos 12,6 bilhões de dólares do final dos anos do “milagre econômico”, a dívida externa brasileira havia chegado a um patamar exorbitante, pois já passava dos 64 bilhões de dólares. O salário mínimo, na moeda corrente atual, equivaleria a R\$ 358,02 em 1980, ou seja, a mesma faixa de valor da época do dito “milagre”, chegando a R\$ 268,96 no último mês de 1989. Achatado por uma inflação que passara de 15,5% ao ano em 1973 para 99, 7% ao ano em 1980 e que continuaria a subir tanto que em 1989 chegaria à absurda alta de 1863,56% ao ano, não havia salário que pudesse ser compatível.

As taxas de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) também sofreram uma desaceleração considerável no período, pois de 13,97% ao ano em 1973, chegaram a déficits de crescimento apontados em números negativos no início da década de 80, se recuperando timidamente no decorrer dela, mas só conseguindo alcançar a modesta taxa de 3,16% ao ano no final de 1989.³ A situação não demonstrava saídas fáceis, tanto que no final do mesmo ano, todos os números que quantificam a economia ratificariam a crise na qual o Brasil havia mergulhado desde o fim do “milagre”, em 1973.

Em 1982 viria o protesto personificado nas urnas. Neste ano, após muitos sem participação ativa da população na política, houve eleições diretas para governadores de estado, conforme fora aprovado pelo Congresso em 1980. Nessas eleições o governo conseguiu manter a maioria de representantes no Congresso, conforme seus anseios. Mas, em contrapartida, a oposição conseguiu preencher mais de 200 cadeiras no Congresso e elegeu um número significativo de governadores, o que ajudava a empurrar a idéia de continuidade dos militares no poder para longe do futuro do país. Além disso, este fato sinalizava claramente o descontentamento popular frente à situação estabelecida.

Foi este contexto que fomentou a luta da oposição para que as próximas eleições para presidente fossem diretas. As forças militares e seus simpatizantes no Congresso fariam de tudo para barrar esta idéia. Para esta corrente política, liderada pelo PDS, a manutenção das eleições via Colégio Eleitoral mostrava-se ainda como uma manobra viável para calar a oposição crescente do período e para manter a “ordem” no país.

³Dados disponíveis em <<http://www.ipeadata.gov.br>>, consulta feita em 08/03/2009.

A idéia oposicionista das eleições diretas virou uma emenda apresentada à Câmara pelo deputado federal Dante de Oliveira (PMDB-MT). Mais do que isso, virou uma bandeira nacional democrática. Em nome da liberdade conferida ao povo pela democracia de escolher seus representantes, inúmeras manifestações públicas de caráter popular foram realizadas em prol das Diretas. Nas principais capitais do país entre meados de 1983 a abril de 1984, quando finalmente a emenda seria votada na Câmara dos deputados, a participação dos mais diversos sujeitos sociais em manifestações pró-Diretas aconteceu em escalas significativas. Cidades como São Paulo sentiram em suas ruas o pisar de milhares de pessoas unidas por uma única causa como nunca sentira antes.

O apoio às Diretas ganhou a simpatia da maioria dos brasileiros que, de uma forma ou de outra, sentiam-se insatisfeitos com a situação política do país. Apesar disso, embora a emenda Dante de Oliveira tenha conseguido a maioria dos votos, não atingiu o número necessário para que fosse aprovada.

As eleições de 1985 seriam indiretas como queria o partido da situação, mas o movimento que ficou conhecido como “Diretas Já” serviu para mostrar que a situação política do país não contava mais com o distanciamento popular para se manter, apesar da repressão ainda existente.

Enquanto isso, os problemas gerados por anos de governo militar apareciam muito claros aos olhos da população em geral. Estavam nos jornais, na TV, no rádio, enfim, haviam tomado a grande mídia de fácil acesso popular. O FMI (Fundo Monetário Internacional) era um dos principais assuntos pós-abertura política porque a dívida externa do país já era considerada estratosférica, assim como a inflação que defasava o salário mirrado do trabalhador. Isto com relação aos que tinham emprego, já que este era mais um dos fantasmas do período: o desemprego.

A discrepante distribuição de renda já perpetuada na história do país, mediante a este contexto, aumentou consideravelmente. Apenas para exemplificar os efeitos da crise, se pode apontar que na década de 80 as construções rudimentares em loteamentos ilegais como as favelas só foram apontadas através de números crescentes. Resultando dos problemas relacionados a moradia estruturada e somando-se a eles, o grande número de indigentes e de crianças de rua nesta década passaram a fazer parte da rotina das cidades.

Este fato pode ser observado em algumas canções do rock brasileiro da época. O distanciamento social entre ricos e pobres, mostrado todos os dias pela mídia e o processo de reabertura política possibilitaram a oportunidade para que muitos sujeitos históricos pudessem ecoar e ouvir vozes da sociedade civil na arte, como a canção citada abaixo que se utilizou do humor para denunciar problemas sociais.

*Seja mais humano
Seja menos canino
Dê guarita pro cachorro
Mas também dê pro menino
Se não um dia desse você
Vai amanhecer latindo
Uau! Uau! Uau!...
Troque seu cachorro
Por uma criança pobre
(Baptuba! Uap Baptuba!)
Sem parente, sem carinho
Sem rango, sem cobre
(Baptuba! Uap Baptuba!)
Deixe na história de sua vida
Uma notícia nobre.*

Na ocasião das manifestações pelas Diretas, a música se fez presente de uma maneira muito significativa. Canções já típicas da MPB eram ecoadas por um grande número de pessoas. Mas, assim como os atores sociais haviam mudado, a trilha sonora que os movia também apresentava mudanças. No trecho de uma das canções usadas pelos manifestantes do período, pode-se notar isso:

*A gente não sabemos escolher presidente,
a gente não sabemos tomar conta da gente,
A gente não sabemos nem escovar os dentes,
tem gringo pensando que nós é indigente!
Inútil, a gente somos inútil!*

A canção chamada “Inútil” fora composta pelos integrantes da banda paulistana Ultraje a Rigor e, apesar de leve e engraçada, tinha um teor bastante crítico em relação ao Brasil da época e fez coro nas ruas para ajudar a pedir as “diretas já”. A escolha desta canção para este movimento foi feita antecipadamente por Ulisses Guimarães que já a havia usado para ironizar as intenções de eleições indiretas do governo.

A letra da canção, escrita propositalmente com os usos coloquiais da língua portuguesa, enfatizando que a fala do sujeito emerge da população comum e ao mesmo tempo chamando a atenção para esta questão, faz uma alusão direta a falta de participação política inferida à população pelos militares. Além disso, chama a atenção também para as visões que se tinha (e ainda se tem) no exterior sobre o Brasil enquanto um país

tradicionalmente “festeiro”, porém subdesenvolvido⁴ e quase inadimplente com relação à uma dívida externa que ajudava a travar o seu crescimento geral.

As eleições de 1985 foram indiretas. “Disputadas” por Tancredo Neves, candidato indicado pela oposição liderada pelo PMDB e por Paulo Maluf, candidato da situação⁵, a oposição se saiu vitoriosa. O seu candidato criou perante a população uma imagem de identificação com a campanha pelas diretas e, além disso, com amplo apoio dos meios de comunicação, passou a representar a figura do político “salvador da pátria” (RODRIGUES, 1990: 14) coisa que lhe rendeu a massiva simpatia da população pela sua candidatura.

A Frente Liberal, grupo político emergido da cisão do PDS na ocasião das eleições, acordou com o PMDB a criação de uma chapa chamada de “Aliança Democrática”, a qual tinha como nome para vice de Tancredo o ex-presidente do PDS, José Sarney. Tal acordo possibilitou a vitória do candidato da oposição, mesmo com o fato do PT⁶ (Partido dos Trabalhadores) ter se recusado a participar de uma eleição indireta neste ponto da transição.

A vitória de Tancredo não parecia apontar mudanças drásticas no país. Tanto ele quanto o seu vice já eram figuras conhecidas de nossa política e não assustavam os simpatizantes dos militares, muito pelo contrário. Apelidada pelo político do PMDB, Ulisses Guimarães, de “Nova República”, a fase iniciada pelo Brasil após a vitória de Tancredo Neves, apesar dos pesares, representou o fim quase definitivo da Ditadura Militar no país, mas não trouxe quase nenhuma transformação de cunho econômico para a maioria da população.

O hino da Nova República...

Eu acredito na manutenção da ordem pública

Eu acredito na Nova República

Eu acredito... Há, há...

Eu acredito em toda essa cascata

Eu acredito no beijo do papa [...]

Se referindo a esta fase da história do país, o grupo Camisa de Vênus regravou uma de suas canções da qual foi retirado o trecho citado acima. Nesta versão da canção “O Adventista”, a letra cantada “ao vivo” sofreu modificações para se referir àquele momento da

⁴ Para se usar um termo comum ao período em questão.

⁵ Muitos dessa ala não simpatizavam com Paulo Maluf, o que de certa forma podia significar uma quebra no grupo que compunha o governo, como já havia sido sinalizado antes quando um número considerável dos seus componentes votou a favor das Diretas.

⁶ O PT, Partido dos Trabalhadores, emergiu das greves do ABC, ocorridas em São Paulo no final da década de 70, início dos anos 80. De caráter trabalhista-esquerdista, este partido agregou muitos dos intelectuais de esquerda que haviam lutado contra a Ditadura, além de militantes dos diversos setores e lutas sociais do período.

política brasileira. Com bastante ironia no tom de voz, Marcelo Nova⁷ anunciava que este seria o “hino da Nova República”, em seguida, num ritmo muito mais rápido do que o da gravação original feita em 1983, a banda o acompanha enquanto ele canta a nova letra repleta de alusões e críticas à chamada Nova República. No refrão original da canção que diz “Não vai haver amor nesse mundo nunca mais”, o público o ajuda a cantar proferindo um palavrão, o que pode ser visto como demonstração de rebeldia gratuita, mas também como a concordância e a revolta com o que cantava em tom bastante crítico e engraçado o cantor. No final da canção, enquanto o público continua a repetir sem parar o novo refrão, Marcelo Nova começa a rezar o “Pai Nosso”, o que aumentava mais ainda o tom de crítica e protesto.

O presidente eleito indiretamente na “Nova República” não chegou a ocupar a cadeira presidencial, pois na véspera de sua posse fora internado no Hospital de Base de Brasília para se livrar de uma suposta apendicite. José Sarney, o vice, assumiu a presidência da República, mesmo sem receber a faixa presidencial do último militar no poder que o acusava de ser o culpado pela quebra do partido da situação e a sua conseqüente derrota na eleição presidencial.

Enquanto isso, após diversas internações e operações nas quais não teve êxito, Tancredo Neves morreu no dia 21 de abril do mesmo ano acometido por complicações no tratamento de um tumor. Nesta ocasião, a comoção tomou conta dos brasileiros e o país praticamente parou para assistir a cerimônia fúnebre.

O vice José Sarney já havia assumido a presidência e com ela os inúmeros problemas do Brasil para os quais as soluções não pareciam fáceis. Era preciso responder com urgência aos anseios dos vários setores sociais depositados no governo de transição que acidentalmente assumira. Dentre estes estava a expectativa de uma nova Constituição que deveria substituir a de cunho ditatorial.

No entanto, a crescente inflação a essa altura já estava prevista para além dos 300% ao ano (PIRAGALLO, 2006), as taxas de crescimento do país eram ínfimas e o arrocho salarial e o desemprego colocavam os trabalhadores em alerta. Em 1986 a projeção da inflação anual ultrapassou a casa dos 500%. Esta situação não poderia continuar como estava ou o governo de transição entraria em colapso.

Neste contexto, em 28 de fevereiro de 1986, Sarney anunciou para a nação o “Plano Cruzado”, o que agradou a população e garantiu popularidade ao novo presidente. A inflação caiu significativamente, o que era visto e sentido pelas pessoas. Pelo plano, além do tabelamento e congelamento dos preços ao consumidor por um ano, o salário do

⁷ Vocalista da banda Camisa de Vênus.

trabalhador deveria aumentar sempre que a inflação medida atingisse os 20%, estratégia esta apelidada de “gatilho salarial”.

Mais uma vez, uma canção da banda Camisa de Vênus pode ajudar a ilustrar a situação aqui descrita e ao mesmo tempo ser apontada como representação da insatisfação e do protesto contra a situação:

*Aqui não tem problema, só se você quiser
Esse é o país do futuro, tenha esperança e fé
Todo dia lhe oferecem sempre o melhor negócio
Vão levar a sua grana, vão lhe chamar de sócio
Vai ficar tudo bem, acredite em mim meu filho
A gente aumenta o seu salário, dispara o gatilho
Aí, pra que você não reclame e também para que não esqueça
Dispararam o tal do gatilho em cima da sua cabeça
Nós vamos outra vez pro fundo do buraco
Você não tem vergonha e eu já não tenho saco [...]*

Os projetos de modernidade apresentados pelos governantes do país no decorrer das décadas antecedentes aos anos 80 apresentaram-se muitas vezes como entraves econômicos mediante aos valores monetários que exigiram quando se conseguia concluí-los efetivamente, caso da construção de Brasília, ou quando se limitaram a aspiradores de recursos financeiros sem conclusão satisfatória como a rodovia Transamazônica.

Corroborando com esta discussão, a canção acima denota certo humor acompanhado de um sarcasmo considerável ao ser intitulada de “O país do futuro”. Aludindo assim a um Brasil que se pretendia moderno nos discursos políticos, mas que se apresentava com as graves sequelas dos desmandos políticos, se afastando bastante das verborragias governamentais para as quais boa parcela da juventude que viveu aquela década já “não tinha saco”.

Confiado em seu prestígio mediante a aceitação popular ao plano, através da mídia, Sarney convocou o povo a ser fiscal dele nos supermercados para garantir a estratégia do congelamento. A aceitação do encargo foi imediata e as transgressões dos donos de supermercados também, mas não faltou quem as denunciasse. A euforia do Cruzado levou a população a consumir elevadamente confiada no congelamento de preços que derrubara as elevadas taxas inflacionárias e ao mesmo tempo desconfiada da durabilidade do plano. A opção encontrada para sanar esta insegurança foi comprar grandes quantidades de tudo o que se podia estocar enquanto os preços estivessem congelados.

Alimentos como a carne e o leite desapareceram do mercado e para consegui-los, quem podia, pagou um ágio “instituído” pelos modos de se lidar com a situação. A mesma coisa aconteceu com a gasolina, o gás de cozinha, etc. Assim, por estas e por outras

causas, o plano já anunciava a sua decadência sem haver chegado a transformar de fato a situação econômica do país.

Enquanto o Cruzado fez sucesso o governo também fez e, desta forma, seguiu as rédeas do congelamento até as eleições do final do ano quando o PMDB, alimentado pelo prestígio de Sarney junto ao povo, ganhou o governo de todos os estados excetuando Sergipe, além da maioria na Câmara e no Senado (PIRAGALLO, 2006). Os parlamentares que decidiriam as linhas da nova Constituição já estavam definidos nas urnas.

Após as eleições o Cruzado que já apresentava inúmeros problemas para se manter, chegava ao fim e era substituído pelo “Cruzado II”, no qual a âncora nos preços não podia mais se manter. Acabada a política de congelamento a população sentia-se traída e usada pelo governo para ganhar as eleições, o que havia ficado claro. A popularidade de Sarney caiu vertiginosamente.

Economicamente, voltava-se para o lugar de onde se havia partido. A dívida externa continuava em livre ascensão, a inflação voltou e o salário mínimo se desvalorizava constantemente. A banda Titãs assim apontava isso:

*Meu salário desvalorizou
Dívidas, juros, dividendos
Senhores, senhores, senhores agora é assim
Credores, credores, credores tenham pena de mim!*

O Cruzado II representava a volta de tudo o que a nação havia rechaçado nas urnas, principalmente a da inflação. Em fevereiro de 1987, Sarney anunciou à nação a moratória que na verdade foi motivada não por uma reação aos altos juros da dívida externa como ele queria fazer crer, mas sim pela falta de dinheiro nos cofres públicos para pagá-los, já que a manutenção do congelamento dos preços durante o Cruzado havia custado caro ao governo. A situação do país parecia pior agora do que no começo de seu mandato.

O governo não conseguia se erguer dos escombros da crise. Do Cruzado II ao Plano Verão no final de seu mandato em 1989, todos os planos lançados pela sua equipe econômica se caracterizaram apenas como tentativas frustradas de driblar temporariamente a crise e reconquistar a popularidade perdida.

Neste clima de frustração política e econômica, logo após a derrocada do Cruzado, a Assembléia Constituinte que deveria definir as linhas da próxima Constituição já havia sido formada para em cinco de outubro de 1988 promulgá-la no país. Apelidada de “constituição cidadã”, esta carta magna trazia avanços significativos para as leis brasileiras, conseguindo representar a luta de muitos setores sociais em seu texto.

O reconhecimento do direito de greve, o voto facultativo a partir dos 16 anos, a garantia das eleições diretas para cargos políticos e o repúdio ao racismo inseridos na nova

Constituições são exemplos das expectativas traduzidas nas lutas de muitos sujeitos sociais e finalmente conquistadas.

No mesmo clima, inicia-se também a corrida política para a primeira eleição direta para presidente pós-ditadura. As eleições presidenciais ocorreriam em 1989 e os candidatos eram vários entre os quais, Ulisses Guimarães pelo PMDB. Esperava-se que ele fosse o eleito “natural” do Brasil democrático pelo seu histórico na campanha pelas diretas e na escrita da “Constituição Cidadã”, como ele próprio apelidara. Porém, isso não ocorreu. A sua ligação com o governo Sarney a essa altura foi péssima para a sua candidatura perante a maculada reputação política que este apresentava junto à população.

Luís Ignácio Lula da Silva, candidato pelo PT, contou com amplo apoio popular nesta campanha, mas não foi páreo para o seu opositor no segundo turno⁸. Fernando Collor de Melo, candidato pelo PRN (Partido da Reconstrução Nacional), partido oportunista fundado pouco antes do pleito, obteve o pleno apoio dos partidos declaradamente de “direita”. Além disso, recebeu apoio incondicional de uma das emissoras de televisão mais famosas do país - a Rede Globo. Cabe aqui a letra de um trecho de uma canção da época a respeito de candidatos “pré-fabricados” para aparentemente atender aos anseios populares, como no caso de Fernando Collor:

*O palácio é o refúgio mais que perfeito
Para os seus desejos mais que secretos
Lá ele se imagina o eleito
Sem nenhuma eleição por perto
[...] Ele é o esperto, ele é o perfeito
Ele é o que dá certo, ele se acha o eleito
Seus ternos são bem cortados
Seus versos são mal escritos
Seus gestos são mal estudados
A sua pose é militarista
Ele se acha o intocável
Senhor de todas as cadeiras
Derruba tudo pra ficar estável
Ele não está aí para brincadeira*

A primeira campanha presidencial após 64 teve uma acirrada disputa no segundo turno entre os dois candidatos, definida com o fato de que Fernando Collor de Mello a venceu legítima e democraticamente. Assim, a eleição de 1989 deu fim ao processo de transição política iniciado em 1985. A maioria da população havia confiado o seu direito de

⁸ A Constituição de 1988 aprovava as eleições em dois turnos para os cargos políticos do Executivo, caso um dos candidatos não obtivesse a maioria absoluta dos votos totais.

votar à escolha do candidato do PRN, o que depois traria arrependimento a muitos,⁹ que frustrados poderiam entoar o restante da canção antes citada:

*E o tempo passa quase parado
E eu aqui sem a menor paciência
Contando as horas como se fossem trocados
Como se fossem contas de uma penitência
E tudo parece estar errado
Mas nesse caso o erro deu certo
Foi o que ele disse a o pé do rádio
Com a honestidade pelo avesso*

Nada aparentava ter sido fruto de uma transformação efetiva do país. Assim, a crise social brasileira, somada a todas as conturbações políticas da década de 80 ajudou a espalhar entre os sujeitos sociais do período um “[...] questionamento da capacidade transformadora das ações políticas voltadas diretamente contra as grandes estruturas [...]” (RODRIGUES, 1999: 9). Após os duros anos da Ditadura no Brasil, do lento processo de abertura política, muitos destes sujeitos, principalmente os jovens, começaram a desenvolver um descrédito muito grande nas instituições políticas existentes no Brasil e fora dele. A era do ceticismo havia se personificado nas manifestações culturais juvenis, principalmente nas canções do rock brasileiro da década.

A ditadura brasileira e as diversas outras da América Latina deixaram um rastro de crise que as democracias que tomariam o seu lugar não conseguiriam apagar. Somando-se a isto a decadência do modelo socialista já dava mostras visíveis na época, fato que desiludia muita gente que ainda acreditava ou militava por esse ideal político de mundo. Neste momento a clareza de posições ideológicas ficou um pouco ausente, assim como a clareza de identificação dos sujeitos que, em meio a tantas crises, se corporificou em mais uma delas.

A questão da identidade (CASTELLS, 2001; HALL, 2006) dentro do chamado mundo pós-moderno ou do capitalismo tardio (HALL, 2006; ANDERSON, 1999) é uma discussão imprescindível quando o contexto que se desenha é esse. A globalização naturalmente já “tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação” (HALL, 2006: 87), o que faz com que estas e as estruturas que as permeiam sejam muito fluidas. Este processo traz a sensação de um “presente contínuo” (HOBSBAWN, 1995: 13), tamanha a rapidez com que as relações em geral nascem e fenecem.

⁹ Tal arrependimento se refere ao fato de que este presidente, ao assumir em 1990, confiscou a poupança dos brasileiros por um tempo declarado antecipadamente como indeterminado e, dois anos depois, por denúncias de corrupção, foi afastado do cargo através de um processo de *impeachment* inédito no país.

Daí pode-se concluir que as relações sócio-políticas e culturais também passam a ser tão efêmeras quanto todo o resto. Mas que, apesar disso, se reestruturam constantemente conforme o contexto histórico e econômico vivido. Os sujeitos sociais que viveram os anos 80 estão inseridos na corroboração desse processo, não só num Brasil de tantas crises, mas num mundo também assim.

As utopias haviam saído de cena: impressão latente em boa parcela dos sujeitos históricos juvenis que viveram a década de 80 e que, por isso, se voltariam para questões aparentemente menores ou menos centralizadas.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Site

<www.ipeadata.gov.br>

Canções (Conforme a ordem de aparição no artigo)

DUSEK, Eduardo. **Rock da Cachorra**. Cantando no Banheiro. Polygram, 1983.

MOREIRA, Roger Rocha. **Inútil**. Inútil/Mim quer tocar. CBS, 1983.

VÊNUS, Camisa de. **O Adventista**. Viva. RGE, 1986.

VÊNUS, Camisa de. **O País do Futuro**. Duplo Sentido. WEA, 1987.

TITÃS. **Dívidas**. Cabeça Dinossauro. WEA, 1986.

LOBÃO. **O Eleito**. Cuidado! RCA, 1988.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Página Aberta Editora, 1994.

ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-Modernidade**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 3ª Ed. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da Modernidade. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª Ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos**: O breve século XX 1914-1991. 2ª Ed. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PIRAGALLO, Oscar. **A História do Brasil no Séc. XX (1980-2000)**. São Paulo: Publifolha, 2006.

RODRIGUES, Marli. **O Brasil da Abertura**: De 1974 à Constituinte. São Paulo: Atual, 1990.

_____. **A década de 80: Brasil**: quando a multidão voltou às praças. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

Recebido em *Outubro* de 2009

Aprovado em *Julho* de 2010